

“Habitantes do Arroio: estudo de conflitos de uso de águas urbanas, risco, saúde pública e comunidades étnicas em Porto Alegre-RS”

Rafael Victorino Devos (BIEV / PPGAS / UFRGS - Brasil)

Ana Paula Marcante Soares (Instituto Anthropos - Brasil)

Ana Luiza Carvalho da Rocha (BIEV / PPGAS / UFRGS - Brasil)

Luna Carvalho (BIEV / PPGAS / UFRGS - Brasil)

Renata Ribeiro (BIEV / PPGAS / UFRGS - Brasil)

Viviane Vedana (BIEV / PPGAS / UFRGS - Brasil)

Introdução

O “Habitantes do Arroio” é um projeto de pesquisa e ação, voltado para a descoberta das situações de conflito e interdependência entre grupos sociais diversos, instituições e técnicos da área ambiental envolvidos cotidianamente com os usos (e abusos) das águas do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre, RS, Brasil. O projeto é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), , através da Seleção Pública de Propostas para Apoio a Projetos de Pesquisa Relacionados à Água e Saúde Pública constante no Edital MCT/CT-Hidro/CT-Saúde/CNPq N ° 45/2008, sendo executado pelo grupo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Laboratório de Antropologia Social – PPGAS/UFRGS) e pela ONG Instituto Anthropos. A pesquisa se vale da produção e da exibição de documentários e narrativas visuais sobre as condições ambientais dos recursos hídricos em questão, contrapostos à diversidade sócio-cultural de representações simbólicas,

ethos e visão de mundo das populações que habitam a sub-bacia do Arroio Dilúvio quanto aos usos do solo e da água.

A construção deste projeto se origina de pesquisas realizadas junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DEVOS, 2007) no núcleo de pesquisa Banco de Imagens e Efeitos Visuais¹ e também na ONG Instituto Anthropos². Tendo estudado a memória e o cotidiano dos moradores das ilhas de Porto Alegre, conhecemos conflitos e pertencimentos diferenciados desses moradores com uma identidade urbana marcada pela convivência com a dinâmica das águas. Foram produzidos alguns documentários que apresentam a paisagem alagadiça das ilhas habitada por estórias de enchentes, “dilúvios”, seres protetores das águas, matos e banhados, marcados por saberes e práticas cotidianas locais. A pesquisa incluiu as narrativas de ex-moradores de outras ilhas e outras áreas de periferia da cidade, que revelaram a recorrência dos gestos de fundação de moradas à beira de arroios e rios, em áreas de banhado onde “tudo era mato” e que hoje se apresentam sob a mesma tensão entre áreas “verdes”, em processo de urbanização, “ocupação irregular”, ou proteção ambiental. Para além das ilhas, surgiram lembranças de antigas áreas de ocupação popular da margem do Lago Guaíba e arroios, com destaque para a canalização do Arroio Dilúvio, e o fim de espaços como a “Praia da Margem” e a “Ilhota”, lembranças que são evocadas no atual sentimento de “perda” do “Rio Guaíba”, antigo “rio” praticado e habitado na memória da cidade, atual lago poluído e “morto”, no contexto de crise ambiental contemporânea. Tal temática também decorre dos resultados da produção da Série Documental “Acqua Mídia”, pelo Instituto Anthropos, e seus debates contemporâneos sobre as representações de sujeira, limpeza, poluição, contaminação, riscos e degradação das águas da Bacia Hidrográfica do Lago Guaíba. Articulando-se com profissionais da área ambiental, bem como em pesquisa de registros dessas outras áreas de contato com a água na cidade, se conheceu novos narradores dos usos da beira d’água, e reuniu-se imagens literárias, fotográficas, iconográficas e fílmicas

¹ O BIEV (Banco de Imagens e efeitos visuais / PPGAS – UFRGS – www.estacaoportoalegre.ufrgs.br) possui 12 anos de experiência com produção de conhecimento em antropologia através das novas tecnologias digitais (vídeo, hipertexto, áudio, fotografia), contando com infra-estrutura física e pesquisadores de graduação e pós-graduação para realização de suas produções, situado no Instituto Latino Americano de Estudos Avançados – ILEA, sendo filiado ao Laboratório de Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² O ANTHROPOS (Instituto Anthropos – www.thropos.org.br) é uma Organização Não-Governamental que possui experiência de x anos atuando em pesquisas e ações voltadas para o conhecimento das inter-relações indivíduo-ambiente-sociedade. Possui experiência, em especial, na área de recursos hídricos, tendo atuado junto a dois dos principais comitês de bacia do Estado do RS (Comitê Sinos e Comitê Lago Guaíba), bem como tem realizado formação de técnicos das áreas ambientais afins (engenheiros, biólogos, arquitetos, etc) para atuação junto ao cotidiano de comunidades relacionadas ao tema da conservação e preservação dos recursos hídricos. O

desta Porto Alegre marcada pela água. A descoberta de tal memória ambiental da cidade (DEVOS, 2007) se mostra um contraponto às campanhas contemporâneas de educação ambiental, que promovem uma “conscientização” dos habitantes em prol de um ambiente comum, ignorando os sentimentos locais de pertencimento a paisagens e microcosmos, de “perda” dos usos públicos de espaços de natureza da cidade associados à “perda” da qualidade das águas, do solo e da vegetação no processo de urbanização da cidade. Como estudos atuais revelam, reverter a “morte social” dos rios, arroios, lagos é condição para a reversão do processo de degradação ambiental das cidades. Entre o risco e a poluição das águas expressam-se diferentes éticas (OLIVEIRA, R.C. e OLIVEIRA, L.R.C., 1996) de relação entre população/ambiente/população, ou seja, conflitos de uso expressam a dimensão conflitiva (SIMMEL, 2004 e LITTLE, 2004) da realidade socioambiental contemporânea, articulando microéticas locais, macro éticas planetárias de preservação ambiental e meso-éticas voltadas para a negociação de tais conflitos entre a diversidade social e cultural contemporânea. Como ensina a antropologia urbana (VELHO, 1999 e OLIVEN, 1995) a questão ambiental é uma tendência geral de reorientação de práticas cotidianas e de ambientalização (LOPES, 2004) da vida pública, que, no entanto, se expressa de maneira plural e diversificada nos diferentes ecossistemas e realidades sociais implicadas.

É deste contexto que desponta o tema do presente projeto que tem por escopo a criação de novas metodologias de popularização dos saberes técnico-científicos sobre gerenciamento de recursos hídricos e sustentabilidade do ambiente e da conservação da água no meio urbano, por meio da microbacia do Arroio Dilúvio, em Porto Alegre/RS, a partir dos seus conflitos de uso e riscos à saúde da população. Através do diálogo com os procedimentos e técnicas oriundos do campo da pesquisa antropológica no mundo urbano contemporâneo, e levando-se em conta as medidas de gerenciamento da drenagem de resíduos sólidos como um dos aspectos fundamentais para a realização eficaz dos projetos de rede de drenagem e de proteção dos arroios urbanos, inclusive no que concerne aos aspectos institucionais e legais de implementação de tais medidas, investe-se aqui na realização de processo de disseminação de saberes técnico-científicos, como parte de uma proposta de valorização da qualidade da água nos grandes centros urbanos-industriais.

Instituto conta com seu web site e equipamento de vídeo disponíveis para a o projeto, e a participação de seus membros nas atividades previstas no presente projeto.

Entretanto, sabe-se que a transposição dos saberes científicos no âmbito das práticas cotidianas dos indivíduos e/ou grupos sociais delinea-se como um fenômeno complexo uma vez que tais saberes necessitam se configurar como um saber local para atingir a concretude das formas de interação dos diferentes grupos humanos com o ambiente que o circunda. Da mesma forma, uma “comunidade ética” (BAUMAN, 2001) dos “habitantes do arroio” não se consolida através da informação de saberes científicos, mas pela negociação de uma realidade socioambiental entre dimensões éticas distintas (OLIVEIRA, R. C., 1996) a partir da justaposição de tais saberes científicos e práticas cotidianas.

Um arroio ou uma bacia hidrográfica ?

A água é elemento vital para o ecossistema e à manutenção da vida humana, além de se constituir em recurso estratégico ao desenvolvimento social e econômico. Entretanto, nas últimas décadas, as altas taxas mundiais de crescimento populacional e de desenvolvimento industrial e tecnológico foram os grandes responsáveis pela degradação do meio ambiente e, por consequência, pelo desequilíbrio quantitativo entre a oferta de água na natureza e as necessidades de consumo, e pela contaminação das reservas de recursos hídricos (SOARES, 2004). As discussões acerca da problemática da água, muito além das que se encerram no país, se colocam em âmbito global. Atualmente, se enfrentam sérios riscos de escassez em que a demanda por água é maior que a oferta e a crescente poluição deste recurso natural implicam em graves riscos à saúde humana, sobretudo das populações carentes. O processo de ambientalização (LOPES, 2007) e de crise ambiental (LEITE, AYALA, 2004) indica uma evolução histórica de construção de novos fenômenos associado à interiorização dos atores e/ou grupos sociais das diferentes facetas da questão pública do ambiente, implicando, dentre outros aspectos, na institucionalização desta questão, acarretando, no âmbito nacional, sobretudo nos últimos vinte anos, na criação de órgãos e de repartição de competências, em matéria ambiental. Em relação à água, especialmente, estabeleceu-se um gerenciamento sistemático para os recursos hídricos, na esfera federal e estadual, referido sobremaneira, na municipalização dos serviços de esgotamento sanitário.

Nesse cenário, tem-se no ambiente urbano de Porto Alegre/RS, o Arroio Dilúvio. Das suas nascentes na encosta de morros, passando pela Avenida Ipiranga e chegando ao Lago

Guaíba encontramos muitas das contradições e desafios contemporâneos dos usos e cuidados com a água na cidade. Ocupações irregulares, usos populares, grandes construções à margem do arroio, o trânsito de carros e carroças, esgotos domésticos e pluviais, o lixo, os alagamentos. Nas águas do Dilúvio, assim como nas águas do Lago Guaíba, muitas imagens da transformação da paisagem urbana são evocadas e muitas inter-relações entre as realidades sociais de bairros nobres, vilas e favelas, zonas comerciais e operárias podem ser evocadas como um ambiente urbano que se percebe pelo conflito, pelo contraste.

O Arroio Dilúvio, que por volta da década de 50 apresentava águas límpidas, encontra-se poluído, recebendo cerca de 50 mil metros cúbicos de terra e lixo todos os anos. Recentes ações do Departamento de Esgotos Pluviais de Porto Alegre vêm demonstrando que o Arroio Dilúvio ainda é bastante utilizado como esgoto cloacal, como escoamento de dejetos advindos de hospitais e de inúmeras áreas residenciais da cidade. O Arroio Dilúvio nasce na Lomba do Pinheiro, Zona Leste da Capital, na Represa da Lomba do Sabão. Recebe vários afluentes como os arroios dos Marianos, Moinho, São Vicente e Cascatinha e deságua no limite entre os parques Marinha do Brasil e Maurício Sirotsky Sobrinho. Antigamente, o riacho passava sob a Ponte de Pedra, que existe ainda hoje, perto do atual Largo dos Açorianos. A sub-bacia do Dilúvio tem cerca de 80 quilômetros quadrados, dos quais 19% estão localizados no município de Viamão. A extensão canalizada do Arroio é de aproximadamente 12 quilômetros e existem atualmente 17 pontes (a primeira, no Menino Deus, foi construída em 1850) e cinco travessias para pedestres. A partir da altura da avenida Vicente da Fontoura, devido à declividade acentuada do riacho, há uma série de degraus com altura média de um metro e em conjunto de três a cada 200 metros.

Os “habitantes do arroio” portanto, não se apresentam como uma pequena comunidade, mas como uma imensa e diversa população que circula pela Região Metropolitana e faz uso de seus recursos hídricos. Trata-se, portanto, de investir no uso dos recursos audiovisuais aplicados às técnicas de pesquisa etnográfica em Antropologia, como novas formas de proceder a popularização dos saberes técnico-científicos na área ambiental indo além da simples disseminação entre as populações de diferentes extratos sociais e origens culturais de um protocolo de ações racionais, lógicas e conscientes a ser adotado por elas na prática cotidiana com o ambiente.

Parte-se aqui do pressuposto, portanto, de que, nas grandes sociedades urbano-industriais, os indivíduos e/ou grupos sociais são oriundos de diversos ambientes técnicos e culturais, e que ambos estão em estreita correlação nas formas como eles organizam sua vida no interior da cidade. Da mesma forma, nos resíduos sólidos produzidos por um grande centro industrial pode-se observar que o ambiente técnico e o ambiente cultural não são instâncias que se excluem mutuamente uma vez que se revelam como parte integrante de saberes e fazeres de sua população.

Assim, propor ações/intervenções dirigidas às práticas cotidianas dos grupos humanos em suas relações aos recursos naturais significa uma interferência de cunho ético-moral. Neste contexto, antes de se pensar no desencadear de ações sociais mais convencionais de popularização dos saberes científicos (com o apoio de material escrito como cartilhas) visando reverter o quadro de degradação e poluição do meio, este projeto investe na construção de complexas ações culturais de transposição dos saberes letrados e eruditos - no diálogo com comunidades, indivíduos e/ou grupos envolvidos em suas práticas cotidianas com os usos da água local, visando a construção de formas de vidas sustentáveis no mundo urbano dirigido às diversas camadas de sua população, a serem abordadas de formas diferenciadas (camadas populares, comerciantes, classes médias e altas etc).

Na base desta proposta está presente outro desafio, o da criação de um espaço de problemas que articule, na sua realização imediata, o diálogo entre os técnicos da área de pesquisa com gerenciamento de recursos hídricos e pesquisadores da área de Antropologia urbana atuando com populações situadas em área de risco, sobretudo aquela parcela da população exposta aos riscos à saúde por água contaminada, considerando-se, para tal, as medidas de gerenciamento da drenagem de resíduos sólidos como um dos aspectos fundamentais para a realização eficaz dos projetos de rede de drenagem e de proteção dos arroios urbanos, inclusive nos arranjos institucionais e legais de implementação de tais medidas protetivas.

Desafios metodológicos na pesquisa ambiental

Neste projeto o desafio consiste, portanto, na construção de situações de transposição didáticas no qual está presente a dialogicidade entre os saberes técnico-científicos acumulados por técnicos e funcionários de instituições públicas de saneamento ambiental atuantes na microbacia do Arroio e o patrimônio mais amplo das ações simbólicas e dos padrões cognitivos dos indivíduos e/ou grupos sociais envolvidos.

Tais situações didáticas, diferentes de campanhas de sensibilização e de esclarecimento de indivíduos e/ou grupos urbanos determinados com base em material escrito, serão desencadeadas a partir de documentários de curta-duração sobre temas concretos vividos pelos técnicos e pesquisadores em seu trabalho de campo e que serão empregados para provocar os diferentes setores desta população implicada nos conflitos de uso e nos riscos à saúde pelo uso daquelas águas a pensar a respeito do que a ciência vem produzindo sobre eles e seu *modus vivendi*. Tais situações didáticas serão preparadas previamente e têm 5 (cinco) vetores de ação:

- Transpor e disseminar, através dos recursos audiovisuais (documentário e dvds interativos), os dados e informações sobre os cenários críticos de usos da água do Arroio Dilúvio, sobretudo no que concerne aos riscos à saúde da população local, que permitam aos seus usuários reordenar os significados de suas práticas cotidianas no que se refere à geração e à disposição inadequada de resíduos sólidos e de sedimentos em seu ambiente de entorno;
- Promover o diálogo cultural entre os saberes técnicos e científicos e a população usuária das águas do Arroio Dilúvio e suas áreas de entorno, aproximando-os de suas formas de agir e pensar no mundo como parte de sua formação profissional.
- Formar uma comunidade ética dos “habitantes do Arroio Dilúvio”, a partir da construção de uma rede social de atores e instituições públicas e privadas como forma de orientar as condições de uso dos seus recursos hídricos.
- Reunir, num relatório técnico, dados e documentos sobre as condições reais dos usos e de captação de água bem como tratamento de esgotos associados a microbacia do arroio Diluvio.

- Reunir, num relatório técnico, o levantamento das Instituições públicas e privadas envolvidas nos conflitos de usos da água da microbacia e a respectiva legislação de matéria ambiental aplicável a tais conflitos.

A metodologia da pesquisa articula a produção de narrativas audiovisuais e sua exibição em espaços públicos e meios de comunicação (blog de internet), através da realização de 02 eventos às margens do arroio, reunindo a população em geral e instituições públicas, que assistirão às imagens produzidas pela pesquisa, e a partir de tais eventos, serão então convidados a participar da produção de narrativas sobre o arroio.

O desafio da construção das narrativas é evocar conexões invisíveis, inesperadas, demonstrar uma rede de interdependência entre os diferentes personagens, lugares e eventos apresentados, que marca uma perspectiva ambiental sobre a cidade. Essas relações não seguirão as correspondências óbvias (pelo assunto) mas as aproximações simbólicas (pela forma) como uma prática se assemelha ou se contrapõe a outra, como uma lembrança de um personagem se parece com o cotidiano atual de outro, como o fluxo das águas se assemelha ao ritmo do trânsito, das interações cotidianas, das conversas e enunciações.

Descobrir tais conexões é o desafio dos momentos de preparação e produção das imagens, não são as idéias pré-concebidas do “diretor” do documentário, mas aquilo que será construído pela pesquisa, em conjunto com os personagens (“habitantes do arroio”, técnicos e “usuários” do Dilúvio) e equipe de gravação, no gesto de “estranhar” o olhar e a escuta da paisagem visual e sonora do arroio.

A pesquisa segue a perspectiva da viagem, no espaço e no tempo, como investigação que inspira dispositivos de gravação e estéticas audiovisuais. Ensaiares diferentes formas de constituir a paisagem do Arroio Dilúvio, entendendo-se a paisagem como cultural, pelo seu efeito de “fazer-ver” (e ouvir) os arranjos de elementos diversos, compondo, entre cidade e natureza, planos que relacionam as águas do arroio, as diferentes ocupações de suas margens, as diferentes práticas cotidianas realizadas, seguindo desde as suas nascentes até o Lago Guaíba, passando pelas diferentes realidades possíveis de serem observadas à beira do arroio; de dentro do arroio, a partir da avenida, em meio aos cruzamentos, do topo de edifícios, sobre

as pontes, de baixo das pontes, a pé, de carroça, de carro, de barco; de dia, à noite, na chuva, ao pôr-do-sol, à sombra das árvores.

Inspiramo-nos em uma navegação pelas águas imaginárias de um arroio que penetra nas profundezas das lembranças da constituição dessa cidade à beira d'água e projeta devaneios sobre suas ligações subterrâneas (De onde vem a água que corre pelo arroio? Para onde vai?) e seus caminhos futuros. A impossibilidade de navegar o arroio é limite a ser superado pela imaginação, com os diversos “habitantes do arroio”, em situações de diálogo, e nas imagens a serem produzidas, o sentido da navegação é fundamental. Os deslocamentos pelo arroio (em uma “ciclovia” imaginária, um passeio de carroça, um engarrafamento de carros, a travessia de passarelas e pontes, e até um dispositivo de navegação no arroio será ensaiado, simulando a navegação) e por imagens de acervo apresentam as antigas e futuras transformações da paisagem do arroio.

A busca por estas lembranças e projetos será realizada em conjunto com os personagens. Segue-se a proposta da antropologia urbana, aliando métodos de pesquisa qualitativa à abordagem do cinema documental, a estória a ser contada é a própria descoberta da estória, guiada pelos personagens que se revelam para a câmera. Uma equipe reduzida e orientada para a escuta atenta e para a relativização do olhar é fundamental para a realização do documentário, abrindo mão de idéias pré-concebidas em busca da descoberta das formas de ser e de estar dos sujeitos no mundo, das dimensões estéticas da realidade construída no cotidiano. Buscaremos olhar para a paisagem urbana guiados pela escuta das representações imaginárias dos personagens. Será sempre anunciada e nunca escondida a presença da equipe de pesquisa/gravação, sugerida nos olhares dos personagens, nos seus gestos de apresentar, apontar e contar para a câmera e o microfone, conferindo aos diálogos o tom de confiança, de troca de olhares e idéias, de conquista e encontro.

Adotaremos o registro de imagens do arroio assumindo estes diferentes pontos de vista descritos, como provocação de interações com atores sociais que circulam pelo local. A atenção voltada para o arroio deve provocar interesse, curiosidade em quem observa o gesto da equipe de registro/contemplação/deslocamento. Ao mesmo tempo, esse dispositivo é uma estratégia para superar barreiras sociais e constrangimentos. Em um segundo momento, a pesquisa e os registros seguem então a perspectiva do reencontro destes personagens, e do

convite a alguns narradores pré-selecionados para nos apresentarem seus espaços afetivos que lhes evocam lembranças, à beira do arroio.

Sugerimos aqui alguns cenários presentes ao longo do arroio, personagens previamente delimitados a partir de pesquisa exploratória, e formas de abordagem:

Habitantes do Arroio - Moradores da cidade que praticam ou recordam um uso cotidiano do Arroio Dilúvio. Moradores de rua que dormem às margens do arroio, sob as pontes da Av. Ipiranga, carroceiros, moradores de áreas recentemente dotadas de infra-estrutura sanitária às margens do arroio, ex-moradores (afro-religiosos) da antiga favela Ilhota, trabalhadores das sinaleiras da Avenida Ipiranga, motoristas, pescadores das ilhas que chegam à foz do arroio, engenheiro sanitarista, escritor e médico sanitarista Moacyr Scliar, funcionários do DEP (Departamento de esgotos pluviais), ciclistas. Personagens convidados e outros que serão encontrados durante as gravações no arroio. Com os que usam cotidianamente o arroio, faremos um contato inicial em que o personagem se apresenta como alguém que nos conta algo sobre o arroio, que mostra algum uso cotidiano ou processo de trabalho. Em um segundo momento, agendamos com eles entrevistas mais longas, em sua residência ou local de trabalho, sobre sua trajetória na cidade, seu cotidiano, suas lembranças sobre o local. Com os convidados realizaremos entrevistas em um ponto do arroio a ser escolhido pelo personagem, para abordar suas lembranças enquanto morador da cidade, sobre a transformação do arroio e sobre sua trajetória na cidade. Nas entrevistas, usaremos como elemento provocador imagens antigas do arroio. O roteiro de entrevistas e os movimentos de câmera e enquadramentos semelhantes devem sugerir muitos pontos de contato entre estes personagens.

Paisagens e caminhos: O Arroio Dilúvio como paisagem visual e sonora, em suas muitas facetas como nascentes, Barragem do Sabão, foz, águas, canal, margens, árvores, trânsito, prédios, viadutos, pontes, animais, avenida. O Arroio como caminho em seus diferentes usos (contemplação, esgoto, lazer, trabalho) e pelas técnicas de deslocamento: de bicicleta, a pé, a cavalo, navegando, de carro. A paisagem surge na composição de diferentes enquadramentos e pontos de vista, a imagem do arroio enquadrando ou escondendo seus diferentes elementos: nascentes, Barragem do Sabão, foz, águas, canal, margens, árvores, trânsito, prédios, viadutos, pontes, animais; de dentro do arroio, a partir da avenida, em meio aos cruzamentos, do topo de edifícios, sobre as pontes, de baixo das pontes, a pé, de carroça, de carro, de barco. Tais elementos também compõem as paisagens sonoras do arroio. O ritmo das imagens

(cortes, movimentos) evoca diferentes usos (contemplação, esgoto, lazer, trabalho). Os caminhos serão abordados simulando ou acompanhamento os deslocamentos cotidianos dos personagens do vídeo em suas técnicas de deslocamento pela Avenida Ipiranga e margens do arroio: de bicicleta, a pé, a cavalo, navegando, de carro. Ainda, um dispositivo de navegação no arroio será ensaiado (simulando a navegação), em contato com o órgão responsável pela drenagem e limpeza do arroio (DEP) quanto às suas viabilidades técnicas. Essa negociação é parte também da aproximação com funcionários que atuam no trabalho de drenagem do arroio e retirada de lixo acumulado.

Manifestações da Natureza e Ritmos Urbanos: A chuva, o pôr-do-sol, a água e suas manifestações simbólicas, o frio, o calor e a noite serão explorados como parte do ritmo urbano, relacionados aos seus efeitos no trânsito, nas paradas de ônibus, nos horários de pico, nas esquinas, sinalleiras, no final de semana, durante seus microeventos na Avenida Ipiranga (acidentes, passeatas, dias de futebol, etc). Destacam-se o “clima” das interações e diálogos entre motoristas, pedestres, trabalhadores da rua, carroceiros, passageiros, durante momentos especiais do dia causados por manifestações da natureza (a chuva, o pôr-do-sol, a água e suas manifestações simbólicas, o frio, o calor, a noite) e pelo ritmo urbano (nos horários de pico, no final de semana, nos usos diurnos ou noturnos, nos microeventos como acidentes, passeatas, deslocamento de torcidas de futebol). A equipe elegerá pontos onde se condensam as interações (parada de ônibus movimentadas, acompanhando um taxista durante um engarrafamento, nas esquinas, sinalleiras e faixas de segurança). A equipe adotará a postura de participar dos diálogos e enunciações, em um dispositivo de “cinema direto” (câmera na mão, microfone presente na cena com som direto), e “cinema-verité” (ou compartilhado), pois a equipe não adota uma atitude de contemplação, mas de participação e diálogo. Serão adotados planos-sequências, caminhadas com a câmera, pans, plano e contra-plano como forma de evocar as inter-relações e interdependências entre os diferentes personagens.

Equipamentos urbanos - “Museu dos Esgotos”: O Arroio como esgoto pluvial. As transformações no ambiente com as obras de canalização do arroio. Os trabalhos constantes de dragagem do arroio e os achados em suas águas. As técnicas de investigação das conexões subterrâneas com diversas áreas da cidade, os problemas com esgotos domésticos, a espuma, o lixo, a areia que vem de longe. Inspiramo-nos na visita às galerias subterrâneas de cidades como Paris e Londres que estão presentes em obras da literatura e do cinema como metáfora das “entranhas” e da “intimidade” da cidade, de suas lembranças escondidas. Não é o discurso

técnico, ou a imagem repulsiva do esgoto que se quer evocar, mas a curiosidade sobre essas ligações subterrâneas, secretas, entre os diferentes universos da cidade. Acompanharemos os funcionários que atuam nos trabalhos constantes de dragagem do arroio, para encontrarmos um narrador entre estes (funcionário antigo?) dos “achados” nas águas do arroio, dos caminhos subterrâneos de ruas e avenidas, das descobertas “arqueológicas” sobre o cotidiano da cidade a partir dos seus esgotos. Um engenheiro sanitarista nos ajudará a compreender o arroio como “canal” e “esgoto pluvial” na relação da cidade com a água das chuvas. Sempre em lento deslocamento, as imagens antigas das obras de canalização do arroio se somarão às imagens de encanamentos, bueiros e da própria água do arroio, evocando também um travelling “subterrâneo” pela cidade.

O Vale do Sabão: espaços saneados e aterrados, que vivem na memória da cidade. As antigas cheias do Arroio, suas pontes e atracadouros de barcos da Azenha, na cidade navegável. Os “dilúvios” na antiga Ilhota, território negro e popular. A Ponte de Pedra e a Praia da Margem, onde a cidade (urbanizada, modernizada) acabava. A Rua da Margem, que ainda guarda o traçado sinuoso do arroio. Para evocar a “morte social” das antigas paisagens da cidade, utilizaremos materiais de arquivo (fotografias antigas, mapas, pinturas), que serão mostradas em lenta aproximação ou pan, sobrepostas às imagens dos gestos dos narradores do documentário, quando se referem a estes espaços. Essa composição é fundamental para evocar a presença dessas paisagens na imaginação, no imaginário da cidade, do qual as narrativas e imagens são pistas mas nunca sua explicitação ou documentação histórica. Por serem espaços de práticas populares (comércio de alimentos, prostituição, navegação, pequenos comércios, carnaval, cultos afro) e áreas de moradia de populações marginais, sabe-se que há pouco registro do cotidiano desses lugares. Tal paisagens serão evocadas também com o auxílio de trechos de cronistas da cidade que nos fornecem interpretações sobre essa paisagem, através do preconceito e do elogio ao progresso, ou através da interrogação e da dúvida sobre o destino das transformações da cidade. Os trechos serão lidos por atores em off (locução/interpretação), ou pelos próprios entrevistados, como o escritor Moacyr Seliar.

O jogo dialógico entre espectador e personagem, ora o técnico/pesquisador, ora o morador local, na troca de papéis sociais entre o que transmite um determinado saber e aquele que aprende, estabelecem infinitas possibilidades de transposição de saberes e fazeres entre indivíduos e/ou grupos sociais, fazendo parte de técnicas e procedimentos de pesquisa etnográfica amplamente ancorada na prática da pesquisa antropológica nas modernas

sociedades urbano-industriais. O uso do registro em vídeo deste encontro etnográfico entre o cientista e o “nativo” é outro dos procedimentos amplamente empregados pelos antropólogos nas suas atuações, e dos quais resulta o que hoje se denomina a Antropologia compartilhada. Nestes procedimentos de construção dialógica entre o olhar da ciência e o olhar nativo, nas suas diferenças e diversidades é que se pauta o processo de transposição didática entre saberes científicos e saberes tradicionais, permitindo a ambos um compartilhamento de experiências pelo fato de colocar personagem e espectador do vídeo numa relação de estranhamento do próprio cotidiano com relação ao uso dos recursos hídricos, na medida em que pode igualmente comparar e negociar realidades a partir da diversidade desvelada pelo documentário. No contexto deste projeto, a equipe de realização do documentário, formada por pesquisadores envolvidos com a questão ambiental, torna-se uma espécie de *mediadora*, na medida em que tece os diálogos entre os diferentes pontos de vista abordados, provocando, na situação de gravação, uma reflexividade por parte dos sujeitos entrevistados quanto ao lugar que ocupam no contexto de uma sociedade complexa, estabelecendo continuidades e descontinuidades entre os diferentes territórios pelos quais transitam nas cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BASSO, L. Bacias **Hidrográficas do Rio Grande do Sul: implicações ambientais**. In VERDUM, R.; BASSO, L.; SUERTEGARAY, D. Rio Grande do Sul - paisagens e territórios em transformação. Porto Alegre, RS. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. pp.85-106.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade - a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro Jorge Zahar 2001

BECK, U., GIDDENS, A. e LASH, S. **Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo, SP: Ed. Unesp, 1997.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política. In: GIDDENS, A. BECK; U. e LASCH, S. **Modernização reflexiva. Política, Tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997. pp. 11-71.

_____. **La sociedad Del riesgo global**. Madrid: Siglo XXI de Espana, 2002.

BRASIL. **Constituição Federal, coletânea de legislação de direito ambiental.** MEDAUAR, Odete (Org.) São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 3º ed., 2004.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes (Coord.). **Introdução ao Direito do Ambiente.** Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

DE GIORGI, Raffaele. **Direito, Democracia e Risco. Vínculos com o futuro.** Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1998.

DEVOS, Rafael. **A Questão Ambiental sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS, Porto Alegre, 2007.

DOUGLAS, Mary. **La aceptabilidad del riesgo según las ciencias sociales.** Barcelona: Paidós, 1996.

DOUGLAS, Mary. **Risk and blame: essays in cultural theory.** London ; New York : Routledge, 1992.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do Imaginário.** São Paulo, Martins Fontes, 2001.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **O Tempo e a Cidade.** Porto Alegre, UFRGS, 2005.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador: formação do Estado e Civilização.** RJ, Jorge Zahar Editor, 1994.

FIORILLO, Celso Antonio Pacheco. **Curso de Direito Ambiental Brasileiro.** São Paulo: Saraiva, 2004.

FUKS, Mario. **Conflitos ambientais no Rio de Janeiro: ação e debates nas arenas públicas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. A vida em uma sociedade pós- tradicional. In: GIDDENS, A; BECK, U. e LASCH, S. **Modernização reflexiva. Política, Tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Editora da Unesp, 1997. pp. 73-133.

GRANZIERA, Maria Luiza Machado. **Direito de Águas: disciplina jurídica das águas doces.** São Paulo: Atlas, 2001

- HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.
- LITTLE, P. "Ecologia Política como etnografia: um guia teórico e metodológico". **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS. Ano 12, n. 25, pp. 85 a 104, 2006.
- LOPES, L.; ANTONAZ,.; PRADO, A **ambientalização dos Conflitos sociais: Participação e Controle Público da Poluição Industrial**. Rio de Janeiro : NuAP/Relume Dumará, 2004.
- LEFF, Henrique. Pensar a complexidade ambiental. In: **A complexidade ambiental**. LEFF, Henrique (Coord.). São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- MACDOUGALL, D. **Transcultural cinema**. Princeton/New Jersey, Princeton University Press, 1999.
- OLIVEIRA, R. C. e OLIVEIRA, L. R. C. **Ensaio antropológico sobre moral e ética**. Rio de Janeiro, RJ. Tempo Brasileiro, 1996.
- OLIVEN, R.G. **Antropologia de Grupos Urbanos**. Petropolis, Vozes, 1995.
- SIMMEL, G. **Philosophie de la Modernité. La femme, la ville, l'individualisme**. Paris, Payot & Rivages, 2004.
- SOARES, A. P. M. **A Lei Federal 9.433/97 e seus instrumentos de proteção da água: a outorga de direito de uso da água**. Disponível em: <[http:// www.thropos.org.br](http://www.thropos.org.br)>
- VELHO, G. **Projeto e Metamorfose - Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.
- VIOLA, Eduardo. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): Do ambientalismo a ecopolítica. In: **Ecologia & política no Brasil**. PÁDUA, José Augusto. (Org.) Rio de Janeiro: Espaço e Tempo - IUPERJ, 1987. pp. 63-110